A universidade*

P. José de Vasconcellos **

1. Introdução; 2. Socialização da universidade; 3. A universidade se projeta para fora de seus muros; 4. Papel da universidade na revolução sociocientífica atual; 5. Conclusão.

1. Introdução

Quase cinqüenta por cento da eficácia de uma palestra depende da receptividade do auditório e do estado de espírito com que se dispõe a escutar. Por este motivo, também eu desejo pedir aos meus ouvintes de hoje um *crédito de receptividade* às minhas palavras, "desarmando" o espírito, ouvindo-me como se eu tivesse autoridade para sugerir-lhes algo e coibindo, durante minha fala, por cavalheirismo ou generosidade, a análise crítica e a discussão interior.

Começaremos insistindo sobre as mais recentes mudanças das universidades, mudanças que devem atingir nossa maneira de ver essa instituição. São tão vastas, tão numerosas, tão recorrentes que nos é difícil descrevê-las todas, ordená-las de forma orgânica, situar as causas de modo claro. É como se estivéssemos diante de certo traumatismo coletivo.

Somos vítimas do mal do século — rebelião contra o "sistema estabelecido" — e, como em outras partes, a erupção tem como epicentro a universidade. No entanto, os sistemas de ensino (e neles a universidade) tendem por

* Apresentado à Academia Brasileira de Educação, na sessão realizada no dia 17 de outubro de 1977.

** Presidente do Conselho Federal de Educação; membro titular-fundador da Academia Brasileira de Educação.

seu peso à inércia. Por este motivo, numa forma estrutiniforme de escapismo, podemos recusar-nos a levar em conta as conclusões que saltam dos fatos e, como já dizia Benjamim Constant, continuar a "raciocinar sobre o estado social como entusiastas, sobre a paixão como geômetras, sobre as dores humanas como físicos".

Tentemos juntos fazer da universidade uma análise crítica e simpática. Estes dois termos não se contradizem, antes exigem-se mutuamente, ao menos se nos lembramos que esta "crítica" vem do grego "Krinein", que quer dizer separar e julgar. Escutemos o nosso tempo.

Refletindo sobre as transformações da universidade, Hervé Carrier (1) chamou recentemente a atenção para três fenômenos principais:

1. A socialização da universidade.
2. Um movimento de dispersão da universidade para fora de seus muros.
3. A participação da universidade na "revolução sociocientífica" atual.

2. Socialização da universidade

Um primeiro fenômeno é o que se poderia chamar de "socialização da universidade". Falamos de socialização mais no sentido sociológico que no jurídico ou econômico, ainda que ele tenha incidências também econômicas e políticas. A universidade se acha cada vez mais comprometida com os problemas da vida pública e cada vez mais inserida nas preocupações da socialização global. Como instituição isolada está desaparecendo. É fato bastante novo com relação ao que existia antes da última guerra. Muitas universidades naquela época pareciam claustros, comunidades de docentes e pesquisadores, onde se podia desenvolver uma vida relativamente calma.

Uma das manifestações da socialização da universidade é, em primeiro lugar, a intervenção maciça do Estado em favor do ensino de 3º grau. Justifica-se a intervenção em nome da democratização do ensino, para permitir igualdade de oportunidades de acesso à cultura superior.

Existem também razões de maior interesse: o Estado compreende que a aplicação em favor do ensino deste grau é um bom investimento para o desenvolvimento e progresso do País. Hoje, quando se quer avaliar o progresso de uma nação, cita-se o número de pós-graduados, de engenheiros ou de especialistas neste ou naquele campo.

Uma segunda manifestação da socialização da universidade é o fato de que a instituição universitária está cada vez mais ligada à indústria. Para a universidade esta é outra forma de se ligar à sociedade global. Trata-se de fenômeno irreversível e é um bem. O único reparo a fazer-se é que, na maior parte dos casos, estes contratos se limitam quase que exclusivamente à área tecnológica e à indústria, clientela rica que pode pagar. A área da educação e das ciências humanas em geral vai ficando para trás.

Outro sintoma de socialização: a universidade se conscientiza cada dia mais de suas graves responsabilidades nas tarefas do desenvolvimento. Reconhece nisto uma prioridade humana e social e, portanto, também universitária: trabalhar pelo desenvolvimento do mundo. As tarefas do desenvolvimento não supõem apenas aplicações financeiras, mas, em primeiro lugar e antes de tudo, uma visão humana do progresso. Caberá à universidade formar pessoas capazes de assumir responsabilidades tão delicadas, e, nesta tarefa, se torna ela cada vez mais solidária com o mundo que busca os caminhos da justiça, da paz, do desenvolvimento.

Que papel cabe à universidade ante este fenômeno?

Antes de mais nada é preciso esclarecer corajosamente as implicações sociais da mensagem universitária, interrogar-se continuamente quais são as exigências da justiça, da dignidade humana. Tudo na universidade deve impelir ao compromisso com a justiça.

Em segundo lugar, neste novo quadro de socialização da universidade, é preciso formar homens e mulheres para o discernimento, o juízo, o sentido crítico. É urgente superar o verbalismo da pseudo-revolução ou do pseudo-reformismo. É preciso criticar a expressão das grandes utopias, o simplismo das análises marxistas-leninistas, as simplificações dos projetos técnico-capitalistas, as aparentes justificativas do *status quo*. Para isto faz-se necessária uma virtude que o apóstolo São Paulo nos inculca e que é cada vez mais importante: o discernimento. Para isso, é preciso estar na escuta, faz-se mister em muitos uma verdadeira transformação mental. Temos que nos sensibilizar com as aspirações que os jovens manifestam, às vezes de modo desconcertante: eles se buscam, se interrogam sobre o sentido do estilo humano, sobre a dimensão espiritual e moral da pessoa, sobre a liberdade interior. Não se pode reduzir a realidade do ambiente estudantil ou do professorado a categorias fixas: estão em crise, estão a caminho.

3. A UNIVERSIDADE SE PROJETA PARA FORA DE SEUS MUROS

Um segundo fenômeno da universidade de hoje: ela se projeta para fora de seus muros. Trata-se de fenômeno recente, que parece prefigurar profunda revolução; é preciso dar-lhe atenção. Não falamos unicamente da dispersão dos *campi* e dos serviços da universidade. É fenômeno mais vasto e de maiores conseqüências.

A universidade teve suas origens no claustro e isto dá uma idéia de sua natureza primitiva que perdurou longamente pelos séculos afora: uma comunidade, um lugar de encontro, uma reunião de pessoas que pesquisam, estudam e, têm, para isso, um *lugar* a seu dispor. Ora, a universidade assim concebida, como instituição plantada em um lugar, está desaparecendo.

Os exemplos pululam; citarei dois ou três dos mais conhecidos. A *Open University* existe na Inglaterra desde 1969 e os primeiros resultados parecem encorajar o prosseguimento da experiência. A Universidade do Ar, no Japão, criada em 1971, dispõe de US$ 127 milhões para a primeira fase da experiência. Nos EUA a *University Without Walls* (UWW) agrupa já 25 instituições, *colleges,* universidades e tem, entre seus princípios, o de utilizar os melhores elementos na sociedade que a rodeia, "até mesmo educadores", diz o primeiro Relatório (2).

Mas não é este o ângulo que desejo enfocar aqui; é outro fenômeno desta "projeção para fora", cujas conseqüências são imprevisíveis para o futuro da universidade: refiro-me ao desenvolvimento da "indústria do saber" (*knowledge industry*). As grandes sociedades, em especial as grandes indústrias da eletrônica nos EUA, na Alemanha e no Japão, começam a entender que os meios de comunicação permitem transmitir e saber de modo eficaz sem professores, sem muros, sem universidades. Várias companhias nos EUA já oferecem, por contrato, programas específicos de ensino, em todos os níveis, por vídeo-cassetes, pelo ensino programado em computadores, com a televisão de circuito fechado, incluindo o emprego do telefone que transmite o ensino em casa.

Estima-se já em mais de US$ 50 bilhões os novos mercados que se abrem hoje às "indústrias do saber". Muitos temem para breve o domínio das grandes indústrias eletrônicas sobre o ensino. Na Alemanha corre atualmente na Corte Suprema uma causa, porque alguns dos "Lander" querem obrigar as universidades a se servir de vídeo-cassetes, que substituiriam em

parte os professores; argumentam os introdutores do sistema que o ensino superior custa cada vez mais caro e é preciso racionalizar os investimentos nesta área. A este argumento acrescentam abertamente alguns japoneses que, com os novos sistemas de ensino, podem reduzir-se as concentrações de estudantes, evitando assim agitação e violência.

Que pensar de tudo isso?

Primeiro é preciso recordar o ABC da pedagogia: a educação verdadeira continuará sendo sempre pessoal. O sujeito da educação não é a massa, mas a pessoa humana. O Estado não é um pedagogo; como também não o são as grandes indústrias da eletrônica. De outro lado, a universidade não se deve contentar com uma atitude meramente defensiva ante estes fatos, que, aliás, não conseguiria deter.

Não se pode contentar em lutar, mas é preciso entrar no movimento, procurar estar presente, incorporar nos seus processos tudo o que de útil se pode nele encontrar e colocar a serviço da formação da pessoa humana, dentro dos grandes valores cristãos do mundo ocidental, os meios inegavelmente eficazes que o progresso da tecnologia coloca a nosso serviço.

O que nos parece evidente é que as universidades têm que apressadamente redefinir seu papel diante da invasão das novas técnicas de difusão do saber. Este movimento, por certo, crescerá nos próximos anos por várias razões, econômicas, financeiras e políticas. De qualquer modo é este um campo aberto à mais fascinante das pesquisas, esta no campo da educação. René Maheu sugeriu certa vez que 2% dos orçamentos para a educação poderiam ser adequadamente aplicados a este fim. Ademais, a educação não pode mais se dar ao luxo de ser uma das últimas da lista das indústrias de artesanato, o único empreendimento que desperdiça sua própria experiência.

4. Papel da universidade na revolução sociocientífica atual

O que é "revolução sociocientífica"? Ainda se procura a palavra exata. Podemos talvez entender-nos se a conceituarmos como uma "ascensão da pesquisa científica", para usar expressão de Teilhard de Chardin. Um estudo da Unesco mostra que 90% dos sábios e pesquisadores que existiram desde o começo do mundo *estão vivos hoje* (3).

"Nossa época tem-se caracterizado freqüentemente pela ascensão social das massas. Do mesmo modo... se poderia também caracterizar pela ascensão

da pesquisa" (4). Esta ascensão se evidencia como fenômeno típico de nosso tempo. É uma revolução social tão importante como a ascensão do proletariado. Citemos Bell, um especialista em sociedade pós-industrial: "Sem dúvida a mudança social mais importante do nosso tempo é o surgimento de um processo que tende a provocar diretamente a própria mudança" (5). Não só a sociedade muda, mas a própria mudança é provocada e planejada.

Outra manifestação da revolução sociocientífica, e que parece muito reveladora, é que em quase todos os países se entendeu que a pesquisa é vital para o progresso e para o desenvolvimento. Na maior parte deles, distinto do Ministério da Educação, existem ministérios da pesquisa científica destinados expressamente a promover o progresso da ciência. Na última Assembléia-Geral dos Reitores Europeus (CRE) se pensou muito sobre o papel da universidade neste novo contexto. Por um lado se comprova um grande êxodo dos professores e dos serviços tradicionais para fora da universidade. Cada vez mais a pesquisa se faz fora de seus muros. Grandes companhias, como a IBM, por exemplo, gastam aproximadamente 12% do seu orçamento na pesquisa e na formação de seu próprio pessoal.

De outra parte é preciso reconhecer que a massa de estudantes que chega à universidade e a obrigação de criar novos *campi* ocasionam gastos suplementares que o Estado já não pode suportar. Conseqüentemente, diante da insuficiência de seus orçamentos, várias universidades têm dito que seu papel é ensinar, e aceitam que a pesquisa se faça fora. Isto é grave, uma vez que se corre o risco de empobrecer o corpo docente e de criar séria ruptura entre o ensino e a pesquisa vital. Aliás, este é já um sistema em vários países do Leste europeu: as universidades se dedicam ao ensino, e a pesquisa se realiza sobretudo em academias científicas. Tendência semelhante começa a aparecer em outros países.

Que fazer?

Em primeiro lugar deve a universidade reconhecer esta nova classe que surge, dentro ou fora de seus muros: os pesquisadores, os planejadores da sociedade pós-industrial. Vários observadores chegam a dizer que até as sociedades socialistas serão transformadas muito mais profundamente por seus técnicos e pesquisadores do que pelos seus "dogmatizantes" ou ideólogos.

Em segundo lugar é necessário proclamar que o saber não é apenas um valor acadêmico; e não é neutro. É certo que pode haver um saber desinte-

ressado, livre. No entanto ele é também *poder*; e, nesta qualidade, pode tornar-se dominador, egoísta, manipulador social.

Além disso, é indispensável e urgente afirmar a importância das disciplinas que estudam o homem em si mesmo e no seu comportamento, assim como as condições de seu crescimento. Na "política das ciências" de quase todos os países modernos, também o nosso, nota-se a tendência de se descuidar das ciências do homem. Já o lembramos acima. Os investimentos para a sociologia, a antropologia, a psicologia, a educação, a história e a literatura raramente alcançam 10% das somas que o Estado e as universidades dedicam à pesquisa. Ao contrário, milhões e milhões são aplicados ao desenvolvimento da energia atômica, na defesa, nos vôos interplanetários e nas novas técnicas que terão imediata aplicação na indústria. Não podemos, é claro, desprezar, por exemplo, o desenvolvimento da indústria; saibamos, porém, afirmar a importância das pesquisas sobre o homem como indivíduo e como coletividade, servir também ao progresso social e à educação.

Este contexto comporta uma observação. Na encíclica *Populorum Progressio,* que tanta repercussão causou, Paulo VI afirmou que "o desenvolvimento é o novo nome da paz". Parodiando esta afirmação, poderíamos acrescentar que "a educação é o novo nome do desenvolvimento"; daí a insistência com que desejo sublinhar que a universidade, nas suas pesquisas e contratos, dê à educação e às ciências humanas o relevo que merecem dentro da prioridade humana e social do desenvolvimento.

Para entrar neste jogo, é necessário antes de mais nada que os homens da universidade comecem por cultivar a paciência, que é a virtude do pesquisador. Torna-se depois necessário instituir programas interdisciplinares de pesquisa na área dos problemas de nossa época: o complicadíssimo problema demográfico, a proteção do meio ambiente, o desenvolvimento das regiões mais pobres; os problemas mais graves da educação entre nós: a evasão escolar nas primeiras séries, os conteúdos curriculares essenciais por disciplina para o mundo em que vivemos, a procura da linguagem exata na comunicação, as técnicas de motivação do ensino, a docimologia como processo concomitante à aprendizagem, a individualização das aptidões do educado mais que a massa de informações que acumulou precariamente etc.

A simples menção destes problemas mostra imediatamente a urgência das pesquisas e programas a serem cumpridos, se queremos que a universidade entre em diálogo com o mundo de hoje. Enfim, não mais uma universidade

como era vista no início do século, ou como a concebera Napoleão, mas que se estende para fora de seus muros e se identifica com o esforço do homem para se conhecer e para descobrir os novos caminhos de seu destino individual e social.

5. Conclusão

Um dos sentimentos mais comuns ante o impacto que o mundo de hoje provoca na universidade, é sentirmo-nos chocados, no sentido etimológico do termo: recebemos um choque ao descobrir as convulsões da instituição universitária e ao medir as transformações que se operam rapidamente nas novas gerações.

Esta reação pode ser sadia. Já dizia Tomás de Aquino que é bom surpreender a natureza de vez em quando. Isto nos ajuda a sair de nossas rotinas e o choque nos leva a encontrar de novo a criatividade. Sacode-nos não apenas em nossas convicções mas também em nossas virtudes humanas. A universidade entre nós se entrega hoje à sua reestruturação. Pois bem. Os princípios básicos da reforma estabelecidos nas leis que a disciplinam — unidade ensino-pesquisa e não duplicação de recursos — são princípios meramente *instrumentais*; a reestruturação não será possível sem profunda mudança de mentalidade e sem uma concepção nova das tarefas hoje reservadas à universidade; e — por que não dizer? — sem o combate diário contra o egoísmo dos interesses criados, a indiferença do ceticismo, a dureza e a cegueira de um pretenso realismo. A reestruturação não será nem plenamente entendida nem suficientemente motivada sem algumas claras premissas básicas.

"No momento em que se compreende que não há mais desenvolvimento que o do homem, por ele e para ele, compreende-se também que a educação, a ciência e a cultura são a base e o coroamento, o princípio motor e a finalidade valorizante do desenvolvimento em sua natureza mais profunda. A educação, que é preparação, a ciência que é descoberta e explicação, a cultura que é exame e assimilação, definem as fases e os aspectos decisivos desta marcha do espírito" (6).

Procurando situar a atual universidade brasileira nestes três momentos de um processo de desenvolvimento — a educação, a ciência e a cultura — diria que ela, tendo deixado o primeiro inteiramente ao Estado e ao município, se esforça por trazer contribuição ao progresso da ciência, pouco

reservando no seu programa à formação cultural. Por outras palavras, distraída com "seus" problemas e com a função imediata de formar profissionais, não tem atuado como deveria no campo da educação e da cultura, as duas fases mais importantes do desenvolvimento, a primeira por ser fundamental e preparatória, a última por ser a mais enriquecedora.

Antes de terminar desejo fazer duas ponderações, antes que outros o façam em forma de objeção:

a) interessado em apontar o núcleo dos problemas, não insisti no complementar aspecto financeiro. É tese outra a ser encarecida não aos homens da educação, mas aos que gerem os recursos nacionais. Além disso, misturar os dois aspectos poderia vir agravar uma tendência ainda bem generalizada entre nós e bastante simplista: — em vez de resolver um problema, dá-se-lhe uma subvenção!

b) com relação à outra face numérica dos problemas educacionais, resisti ao máximo ao fascínio da estatística na demonstração do que asseverei. Um atavismo pitagórico freqüentemente nos leva a reduzir toda complexidade de um problema à sóbria e indiscutível simplicidade das cifras, não só porque é mais fácil contar do que pensar, mas também porque os números têm em si algo de divinamente definitivo. Andam até em moda engenhosos livrinhos que ensinam a toda a gente o que até agora era segredo esotérico de alguns: a arte de, com estatísticas, demonstrar por $a + b$ tudo o que interessa afirmar.

Termino com uma consideração final. Ouve-se dizer, com freqüência, que a universidade está em crise. Se por crise se entende que está em reexame, apresso-me a declarar que é benéfica, no sentido de que nos obriga, ano após ano, a apurar nossos instrumentos de trabalho.

Crise é palavra que os chineses, em seus ideogramas, escrevem somando os conceitos de "risco" e "oportunidade"; talvez esta exegese contenha pista válida para todos nós. Em qualquer atividade humana, *que não seja mera rotina, o risco* é ingrediente inevitável e certamente salutar, porque nos motiva a constante vigilância e avaliação. Na tarefa da educação o risco é ainda maior, pela quantidade de variáveis que incidem no processo. Por outro lado, *oportunidade* é sempre algo discutível, mas a espera de uma oportunidade ideal é, quase sempre, a receita exata do imobilismo.

Neste campo, como em tantos outros, a verdadeira conquista está em permanecer-se liberto e conseqüente, e a igual distância tanto do temor como da temeridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Carrier, Hervé. *Perspectivas da ação pastoral na universidade,* in Laicis aujourd'hui. *Bulletin du Consilium de Laicis,* nº 15-16, 1973, p. 43-58. Neste trabalho, nosso diagnóstico calca-se por inteiro sobre citada conferência.

2. ——. *University without walls*: *A first Report.* Antioch College, Yellow Springs, Ohio, 45387, 1972.

3. Auger, Pierre. *Tendances actuelles de la recherche scientifique.* Paris, Unesco, 1961. p. 15.

4. Chardin, Teilhard de. *Obras completas.* Paris, Seuil, 1965 t. 9, p. 257.

5. Bell, Daniel. *Notes on the post-industrial society.* Englewood Cliffs, N. J. Prentice Hall, 1971.

6. Maheu, René. (Declaração lida ao receber das mãos do observador permanente da Santa Sé junto à Unesco um exemplar autografado da encíclica *Populorum Progressio*). Paris, 19 de abril de 1967.

REALIZE AQUELE ANTIGO SONHO



Os mais belos quadros dos grandes mestres estão agora ao seu alcance.
Reproduções sobre tela, importadas da Itália, que não devem nada aos originais (a não ser no preço) para valorizar o seu ambiente.
A escolha é sua.

Livrarias da Fundação Getulio Vargas

RIO — S. PAULO
BRASÍLIA

Milton Dacosta (1915) 40 × 50cm